



PRÓ-SABER



**DE SONHO E
RESISTÊNCIA**

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER

DENISE LIMA MADALENO FELICIDADE

COMPORTAMENTO, DESENVOLVIMENTO E LINGUAGEM

Rio de Janeiro

2017

DENISE LIMA MADALENO FELICIDADE

COMPORTAMENTO, DESENVOLVIMENTO E LINGUAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientador: Heloisa Protasio

Rio de Janeiro

2017

| | |
|-------|--|
| F334c | <p>Felicidade, Denise Lima Madaleno</p> <p>Comportamento, desenvolvimento e linguagem / Denise Lima Madaleno Felicidade.– Rio de Janeiro: ISEPS, 2017.– 27 fl. il.</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2017. Requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.</p> <p>Orientador: Profa. Esp. Heloisa Protasio</p> <p>1. Educação infantil. 2. Comportamento. 3. Sexualidade. I.Título. II. Orientador. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.</p> <p style="text-align: right;">CDD 372</p> |
|-------|--|

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Pró-Saber

LICENÇAS

Autorizo a publicação desse trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Essa obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, 9 de novembro de 2017.

DENISE LIMA MADALENO FELICIDADE

Dedico este trabalho primeiramente a DEUS, por ser essencial em minha vida, a minha mãe Luzia, meus filhos, Diego e Raphael, meu marido Ramão e meus irmãos, Carlos Alberto, Paulo, Jorge e Alcione.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão desta jornada.

"Quando se sonha sozinho é apenas um sonho.
Quando se sonha juntos é o começo da realidade".

Miguel de Cervantes de Saavedra

RESUMO

Trata-se de um estudo sobre comportamento em que são observadas as relações das crianças com seu corpo e o do outro, visando a compreender a sexualidade na pré-escola. Para entendê-las busquei conhecer alguns teóricos; conversar com outros educadores que trabalham ou já trabalharam com a pré-escola. Os instrumentos metodológicos propostos por Madalena Freire (2014) foram utilizados: observação, registro, avaliação e planejamento. O objetivo foi sensibilizar o meu olhar para o tema para poder compreender, junto com os professores e demais auxiliares, como lidar com os primeiros sinais dados pelas crianças sobre a descoberta da sexualidade.

Palavras-Chave: Educação infantil. Comportamento. Sexualidade.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 09 |
| 1 CONVERSA COM OS TEÓRICOS | 11 |
| 2 METODOLOGIA | 13 |
| 3 A OBSERVAÇÃO, A ATENÇÃO E O CUIDADO COM A CRIANÇA NOS LEVA A UMA INTERVENÇÃO EFICIENTE | 15 |
| 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 25 |
| REFERÊNCIAS | 26 |

INTRODUÇÃO

Minhas indagações, minhas inseguranças e minha trajetória no Curso Normal Superior com habilitação em Educação Infantil no Pró-Saber somadas ao desejo de fazer uma reflexão sobre a importância do estudo do desenvolvimento infantil e da metodologia adotada no Curso, me levaram a esta pesquisa monográfica.

O meu estranhamento em ver crianças da pré-escola em momentos de brincadeiras com conotações sexuais me causou certo desconforto e me levou a querer aprender como podemos atuar melhor com esta fase de descobertas. Já fomos crianças e sabemos a importância que os adultos desempenham em determinadas etapas da nossa vida e em como uma infância reprimida pode causar sérios danos a este adulto mais tarde.

Pretendo neste trabalho colocar minhas observações, minhas dúvidas para mostrar como a minha formação, neste curso, me ajudaram a construir uma intervenção consistente e eficiente no meu papel de agente de Educação.

Venho de uma família de cinco irmãos homens e somente eu de menina, por conta disso, sempre fui muito protegida por todos. Meu pai nos dizia que com seis crianças em casa não precisávamos brincar com os filhos de vizinhos e que, se arrumássemos briga na rua, não podíamos entrar em casa chorando, o lema era "bateu, levou". Acredito que meu pai agia assim por ter sido lutador de boxe e ter tido uma infância difícil. Minha mãe, quando solteira, trabalhava fora, depois que casou, parou de trabalhar e sempre ouvia meu pai dizer que, se precisasse ir a qualquer lugar, médico, supermercado ou visitar algum parente, tinha que levar todos os filhos, pois não queria seus filhos "soltos" na rua.

Meu pai faleceu aos 43 anos em um acidente na Avenida Brasil e, com isso, eu e meus irmãos mais velhos tivemos que parar os estudos e entrar no mercado de trabalho para ajudar em casa. Na época, eu estava cursando o primeiro ano do ensino Normal em uma escola perto de casa, mas, meu sonho de me formar professora ficou guardado em um cantinho da minha memória. Casei-me e tive 2 filhos.

Depois de muito tempo surgiu a chance de trabalhar na creche onde estou até hoje. Estava desempregada e meu irmão, que é Guarda Municipal, soube que uma empresa que presta serviços para a Prefeitura do Rio de Janeiro estava contratando e intercedeu por mim. Assim fui contratada para ser Auxiliar de Agente Educador e

trabalhar com pessoas que tinham formação de professores. Percebi que era a chance de resgatar o meu sonho de concluir o curso de formação de professores e assim o fiz, me inscrevi em um curso perto da minha casa e concluí o Curso Normal.

Passado algum tempo, colegas de trabalho que cursavam a graduação no Normal Superior do Pró-Saber, começaram a me incentivar a fazer o curso. Diziam que me ajudaria a entender e conhecer melhor esse universo tão rico que é a Educação Infantil. Resolvi então investir em mais esta formação e digo com sinceridade que não me arrependo. Descobri o quanto é grande a nossa responsabilidade para com os nossos pequenos, pois somos formadores de opinião e em muitos momentos é conosco que eles procuram um afago, um gesto que mostre que os compreendemos e os aceitamos em sua singularidade, pois são únicos.

A creche em que trabalho, é pública, e está localizada no Centro da cidade; tem 62 funcionários, todos terceirizados e uma diretora concursada; 1 turma de berçário com 2 educadores e 9 auxiliares, que se dividem entre manhã e tarde; 2 turmas de maternal 1 com 4 educadores e 12 auxiliares para cada turma; 1 turma de maternal 2 com 2 educadores e 6 auxiliares; 2 turmas de pré-escola 1, com 2 educadores e 2 auxiliares e 2 turmas de pré-escola 2, com 2 educadores e 4 auxiliares, o que dá um total de 167 crianças. Nosso espaço tem uma área livre no pátio com alguns brinquedos, uma brinquedoteca, uma sala de vídeo, cinema, refeitório cozinha e lavanderia, tudo integrado de forma harmônica, criando um ambiente de acolhimento.

A turma em que trabalho atualmente é a pré-escola, que conta com 19 crianças. Há três anos, trabalhei com este mesmo grupo que estava no maternal 1, quando eles iniciaram a caminhada na Educação Infantil, com 2 ou 3 anos.

Tem sido muito rico acompanhar o desenvolvimento da turma. Colocarei um relato sobre a importância do cuidar da criança, de se aproximar daquele que ainda não consegue se colocar e ou interagir com outras crianças e com os educadores.

1 CONVERSA COM OS TEÓRICOS

Jean Piaget foi um dos maiores pensadores do século XX. Seus estudos sobre Psicologia da Inteligência nos traz uma grande contribuição para compreendermos como o ser humano constrói o conhecimento. Piaget era biólogo, zoólogo, filósofo, epistemólogo e psicólogo. Sua teoria nos ajuda a conhecer a criança dentro de sua faixa etária.

A ação é o ponto de partida para a construção do conhecimento. O sujeito age sobre o meio. Ele em sua ação busca a equilíbrio. Devemos respeitar a criança, pois o pensamento infantil tem estágios diferentes. Piaget definiu os estágios em sensório-motor (0 a 2 anos), pré-operatório (2 a 7 anos), operatório-concreto (7 a 11 anos) e lógico-formal (11 a 15 anos). A criança se adapta ao meio em que vive, numa busca constante pelo equilíbrio. O desenvolvimento é uma equilíbrio que se realiza gradualmente nos movimentos de Assimilação e Acomodação. A criança no período sensório motor 0 a 2 anos age com esquemas reflexos (ação e percepção), aos poucos vai desenvolvendo esquemas um pouco mais complexos através da experimentação.

No período pré-operatório (2 a 7 anos) a criança entra na fase simbólica, brincadeira do faz de conta, do animismo. Observamos na pré-escola o começo da fala e o período da linguagem, do desenho. O pensamento ainda é rígido, egocêntrico.

De maneira sintética falo um pouco da criança desta fase, segundo Piaget. O papel do educador é o de desequilibrar, estimulando a criança a pensar, observar e questionar. Temos que pensar atividades que estimulem a criança a ouvir e enxergar aquilo que existe efetivamente. Entre 2 e 7 anos de idade, o egocentrismo se revela com maior assiduidade entre as crianças. Podemos perceber essa particularidade nas rodas de conversa onde cada um inicia sua fala para ter a atenção para si, sem deixar que os outros falem.

Como educadores temos que realizar atividades práticas como simplesmente oferecer folha em branco para que desenhem, e depois de prontos expor para que as crianças se vejam e aos outros e respeitem as diversidades de pensamento.

O médico psiquiatra Sigmund Freud é autor da Teoria das fases do desenvolvimento psico-sexual infantil, especializou-se em cuidar de pessoas que

sofriam de distúrbios mentais onde, afirmava ser o inconsciente, a fonte de energia, de desejos reprimidos e antigas lembranças, que afetavam a mente das pessoas e o seu dia a dia, fazendo com que estas trancassem seus sentimentos dentro de si e que, passado algum tempo, acabassem por se esquecer desses fatos.

Esta teoria causou grande susto no meio acadêmico, já que os assuntos referentes a sexualidade eram considerados "tabu" para a época; hoje em dia, com a liberdade de expressão nos meios de comunicação, o assunto chegou às escolas e creches, fazendo com que o profissional de educação tenha que se informar e estudar para que, juntamente com as famílias, converse e trate como normal esta fase de descobertas dos pequenos.

Segundo Freud, as etapas do desenvolvimento psico-sexual são: fase oral (0 a 1 ano aproximadamente), fase anal (2 a 4 anos), fase fálica (4 a 6 anos), fase de latência (6 a 11 anos) e fase genital (a partir dos 11 anos).

Vou me deter mais na fase fálica (4 a 6 anos), pois é a idade do meu grupo de crianças, que demonstra estar passando por este momento de experimentações tanto com o seu corpo quanto com o do outro, e isso gerou em mim o desejo de descobrir e dizer o que pretendo com esta pesquisa.

Na escrita da minha monografia, resgatei, a partir das aulas que tive com a professora Madalena Freire, o "grupo", muito idealizado por todos como um mar de rosas, mas que trazia divergências e um certo resquício de concepções ultrapassadas.

Madalena nos dizia que todo grupo tem a tendência de formar sub-grupos ou pequenos grupos e isso ocorre pelo fato de querer mostrar ser melhor ou querido pelo professor. Isso acontece por causa de uma concepção autoritária que predomina; na concepção democrática, todos têm responsabilidade total pelo grupo, ajudando uns aos outros. Nessa concepção, aprende-se perguntando, pois estamos aprendendo a pensar e pensar é difícil, mas só se consegue pensar nos questionamentos, nas dúvidas e nas perguntas. Devemos cuidar daquele que perde o rumo, pois nossas concepções serão formadas com todas no grupo, juntas.

2 METODOLOGIA

A metodologia do Pró-Saber está baseada na concepção de sujeito que constrói sua autoria no grupo. A professora Madalena Freire nos fala que temos que nos transformar, nos abrir para o novo, que conhecimento não se dá, cada um consigo mesmo constrói o seu conhecimento.

Para construir o seu fazer, o educador necessita de instrumentos metodológicos. Toda prática exige uma sistematização. Toda sistematização exige disciplina de trabalho. Toda disciplina de trabalho exige uma rotina. Ousamos dizer que é aqui que se encontra o grande diferencial do Pró-Saber, oferecer esse *como* que encarna, dá forma, materialidade e contorno às crenças e princípios para que estes não sejam apenas intenções, metas e desejos; para que, além de “espírito”, sejam também “corpo”-“espírito” que ganha um “corpo”. Perceber-se no exercício leitor e escritor da realidade não é tarefa fácil para qualquer educador. Requer disponibilidade para se rever em outra concepção de educação. Reaprender a olhar, rompendo com as visões cegas, esvaziadas de significados e buscar interpretar, dar significado ao que se vê. Ler a realidade é o principal desafio, ler para construir novas hipóteses na interação com o outro. E escrever para organizar essas hipóteses no confronto com as hipóteses no confronto com as hipóteses do outro. Isso exige exercício metodológico sistematizado e a importância de observar, registrar, refletir, avaliar e planejar. São esses procedimentos que alicerçam a pesquisa, luta cotidiana, permanente (GENESCÁ; CID, 2013, p. 44).

Vim buscar o conhecimento que me fez crescer na minha prática e percebi o quanto é importante registrar e refletir sobre toda a aula. Esse movimento tem que ser constante para podermos avaliar o desenvolvimento de nosso trabalho frente ao grupo.

Toda a aula tem que ser pensada e planejada, pois temos que avaliar como está sendo o aprendizado de nossas crianças. Em nossa rotina diária, temos que estar sempre com o nosso planejamento organizado para podermos desenvolver a aula. Ele é necessário e fundamental, deve ser flexível. Ele pode e deve ser mudado com critério e rigor de acordo com a necessidade.

Como educadores temos que estar sempre lendo e estudando e nos interrogando sobre o que estamos ensinando e também aprendendo, pois as crianças, em vários momentos, estão a nos surpreender com seu comportamento e fala, fazendo com que pesquisemos para poder responder aos seus questionamentos.

Aprender é natural em casa, mas na escola não. Aprender lida com um movimento essencial que é a resistência, uma vez que aprender implica mudar, perguntar, pensar. Aprender é sair do lugar, é sair da mesmice, do imobilismo, da acomodação. Então a resistência é natural e garante aos

educadores que seu aluno está aprendendo. Ele está brigando, está vivendo o conflito entre o velho e o novo, que é a essência do processo de construir conhecimento. E com a resistência vem a agressividade, não se vive. Essa resistência, esse processo de se enfrentar e confrontar-se consigo e com os outros dói. Aprender dói! (GENESCÁ; CID, 2013, p. 48).

Realmente, aprender dói. Vim de uma concepção de educação autoritária, em que o professor era a autoridade máxima em sala, um ser que tudo sabia e não dava voz aos seus alunos, acredito que, por tudo isso, estranhei muito quando cheguei ao Pró-Saber com sua concepção de educação democrática que foca no grupo, dá vez e voz aos seus alunos e não obriga as pessoas a fazer o que não querem, pois, vivendo em sociedade, temos que aceitar que somos únicos em nossas singularidades; cada um é importante em seu saber.

Ao me apropriar dos instrumentos metodológicos, passei a observar com foco, o que me ajudou a conhecer melhor as crianças.

O registro que eu já havia experimentado na prática da minha creche não era constante. Às vezes, a educadora da turma solicitava e eu fazia. Percebo hoje que a forma com que eu registrava era mecânica, objetiva e não passava pela reflexão. Hoje vejo o registro como necessário para avaliar minha prática e conhecer o que a criança necessita e assim planejar, avaliar e re-planejar.

3 A OBSERVAÇÃO, A ATENÇÃO E O CUIDADO COM A CRIANÇA NOS LEVA A UMA INTERVENÇÃO EFICIENTE

D.¹ era um menino extremamente introvertido e chegava na creche sempre muito silencioso. Enquanto as outras crianças choravam muito, ele caminhava devagar até se aproximar bem de mim e, sem derramar uma lágrima, ficava em pé, me observando enquanto eu trocava a roupa de um colega. Em seguida, eu o chamava e iniciava uma conversa, perguntando como ele estava, se tinha preferência por algum brinquedo, se queria desenhar. Em alguns momentos, fazia sinais com a cabeça que sim, em outros, não esboçava nenhuma reação, na hora do almoço entregávamos os pratos para que todos comessem sozinhos e ele ficava sentado, quieto, sem pegar na colher para almoçar. Então, eu ou outra auxiliar íamos até ele e lhe dávamos de comer. Fazia o que pedíamos sem pronunciar uma palavra. Mas, se algum amigo tirasse o brinquedo com o qual estivesse brincando, chorava copiosamente e não se defendia.

Nesses momentos, percebíamos que falava pouco, porque as pessoas próximas a ele estavam sempre prontas a adivinhar o que ele queria e fazer sua vontade. Como na creche isso não acontece, ele teve que aprender a se comunicar.

Hoje em dia, é uma criança mais falante, escreve seu nome todo e, quando tem dúvidas sobre alguma atividade, pergunta. Continua com algumas dificuldades como para comer sozinho. Falamos com ele que, no ano que vem, estará em outra escola, cursando o fundamental e terá que se alimentar sem ajuda, então, por que não começar agora a comer sozinho? Percebi que entendeu, pois quando tem alguma coisa que não gosta no prato, nos pede para que separemos e, então, se põe a comer tudo sem reclamar.

Fiquei feliz que tanto as crianças quanto os seus responsáveis, com a saída de 2 educadores e 1 auxiliar, tenham pedido a minha volta para a nova equipe que foi formada para que as crianças não ficassem sem uma referência no turno da tarde. Como foi bom perceber agora, na pré-escola, como estão mais desenvolvidos e com a nossa ajuda muitos já estão lendo fluentemente. Em compensação, fiquei surpresa pelo comportamento de P., A. e S. que, em muitos momentos, em que estão brincando livremente, fazem brincadeiras "inadequadas" que acabam por incomodar todo o grupo. Geram, com isso, reclamações e pedidos por parte dos

1 Optei por usar apenas as iniciais para preservar a identidade das crianças.

pais das outras crianças, para que não deixássemos que seus filhos brincassem juntos.

A educadora da turma explicou para estes pais, que não seria possível separar, dentro de uma sala, uma criança da outra, pois as crianças aprendem na interação umas com as outras e que os educadores estavam sempre atentos. Desde o início do ano, estamos trabalhando com o grupo, conversando, fazendo atividades para que possam adquirir novos comportamentos.

Nem todas as crianças, embora com a mesma idade, apresentam as mesmas características. Observo que, na turma, algumas estão muito centradas na descoberta do corpo, como A, M., que, em todas as chances que tem, arruma um jeito de levar D. para um espaço que tenha poucas pessoas.

Houve um dia em que o educador da tarde não veio trabalhar e fiquei com a turma sozinha até o final do horário do lanche. Deixei que o grupo brincasse durante 15 minutos, no pátio e, em algum momento, dei pela falta de A. M. e D., coloquei o grupo na sala, pedi que fizessem uma roda. Solicitei que a educadora de outra turma ficasse com o grupo, para que pudesse procurar os dois ausentes. Estava certa que estavam escondidos em algum lugar. Encontrei os dois escondidos no banheiro externo, que fica no pátio. Quando abri a porta, ficaram me olhando muito assustados, pois sabiam que não podiam estar os dois no banheiro com a porta fechada. Pedi que saíssem e sentamos para conversar. Me disseram que não estavam fazendo nada, somente se escondendo da turma. Então falei que, quando não estamos fazendo nada demais, não nos escondemos no banheiro. Ficamos onde todo mundo pode nos ver e que, por conta disso, haviam perdido o direito de brincar no pátio. Disse ainda que conversaria com os responsáveis de cada um. Foi então que D. disse que A. M. o havia chamado ao banheiro para beijá-lo. Perguntei então se era legal isso, que crianças só se beijavam na face e que ainda havia muitas coisas para viverem até chegar esse momento.

Acredito que temos que por limites em determinados comportamentos e criar algumas regras de convivência para que as crianças aprendam e saibam que nem tudo é permitido. Normalmente, na creche, abrimos uma roda e conversamos sobre o que pode e o que não pode. Eles são os primeiros a apontar o que não acham legal, pois sabemos que tudo o que se passa na creche é comentado em casa, o que vem a provocar diversos mal-entendidos.

Observei alguns comportamentos que me chamaram atenção.

A criança passa a mão no corpo do amigo, pergunta ao amigo se este quer o seu “bumbum” e, que, quando crescer, irá se casar com ele. Disse que, quando coloca o próprio dedo no ânus, não sente dor, diz que está namorando e faz exposição dos órgãos sexuais. Segundo Pantoni, Piotto e Vitoria (2001):

As brincadeiras de médico ou outros jogos sexuais são as que mais despertam as angústias do adulto, pois elas expressam uma sexualidade que até então não era percebida na criança. Embora vistas como perigosas ou ‘erradas’, elas fazem parte do desenvolvimento infantil. Essas brincadeiras possibilitam às crianças satisfazerem suas curiosidades quanto ao funcionamento do seu corpo e dos colegas. Nelas as crianças vivenciam diferentes papéis sociais, aprendendo a conhecê-los e diferenciá-los. Isso contribui para o desenvolvimento da sua identidade, ou seja, reconhecer-se como homem ou como mulher. Sem dúvida, os adultos precisam ficar muito atentos a essas brincadeiras, mas muitas vezes não é necessário interrompê-las bruscamente, nem envergonhar as crianças quando são surpreendidas (PANTONI, PIOTTO E VITORIA, 2001, p. 70).

Lembro-me que, assim que comecei a trabalhar na creche onde estou, precisei pegar papel toalha para limpar as mesas do refeitório, para que a minha turma fosse almoçar. Assim que entrei no banheiro, surpreendi dois meninos, um tentava penetrar o seu pênis no ânus de outro menino. Lembro que minha reação foi desproporcional, pois não esperava encontrar crianças de tão pouca idade em tal situação. Pedi aos dois que se vestissem e que eu iria conversar com a educadora sobre o ocorrido.

Existe uma confusão no sentido de não sabermos o que fazer em determinadas situações. É para pensarmos como a sexualidade é também um problema para nós adultos, que não sabemos como falar dela. O "não saber" e o "susto", geram dúvidas sobre como falar de sexualidade.

Mais tarde, na hora do sono, conversei com a educadora, que me disse ser normal aquele tipo de comportamento, pois as crianças estão se descobrindo. Precisaríamos estar sempre atentas para evitar constrangimentos para todos e que, na hora da roda, falaria sobre o fato, conversando com o grupo e tirando dúvidas.

O modo como esta educadora agiu foi de extrema delicadeza, tanto para tirar as minhas dúvidas, quanto para conversar com a turma. No entanto, nem todos os educadores têm essa postura, alguns acham que não é seu trabalho conversar com as crianças sobre esse assunto e que é obrigação da família. Porém, vejo que nós, por estarmos em um local de educação, temos que conversar e esclarecer que, como seres biológicos, temos desejos e necessidades, mas que tudo tem seu tempo para acontecer.

Estas situações me deixavam muito insegura, sem saber como intervir. Tenho consciência de que a educação bastante severa que tive de minha família me deixou com muitas dificuldades para lidar com as questões da sexualidade.

Foi muito importante aprender e estudar o desenvolvimento infantil e saber que a sexualidade é despertada desde a infância, na fase oral, em que seu principal desejo é o seio de sua mãe. Depois outras fases se seguem e a criança faz diversas descobertas sobre seu corpo. Se conseguir viver essas fases sem traumas ou recriminações, se tornará um adulto sadio.

Schindhelm, inspirado em Foucault, afirma que, nós, educadores, vivemos momentos de grande angústia, quando interrogados por nossas crianças com perguntas de fundo sexual, pois:

As crianças trazem para a escola situações inusitadas nos mais diversos campos de conhecimento, incluindo aquelas relativas à sexualidade promovendo nos educadores, sentimentos de desconhecimento e impotência no confronto e questionamento sobre essas vivências (SCHINDHELM, 2011, p. 8).

Penso que esta minha vivência me trouxe muitos questionamentos acerca do desenvolvimento infantil e de como fazer as intervenções no grupo.

A sexualidade infantil nos dias de hoje vem sendo em muito estimulada pelos meios de comunicação, que tratam as crianças como miniadultos. A programação traz para as crianças, desenhos e novelas com fundo pornográfico, músicas de duplo sentido e roupas sensuais. A tecnologia, como celulares, tablets e videogames faz com que as crianças e os adultos se tornem reféns digitais.

Devemos repensar de que maneira a tecnologia pode servir como um recurso importante para o entretenimento e para a educação, mas que não é o único e o melhor recurso. É importante mostrar que existem outras formas de divertimento.

Acredito que os pais deveriam observar e controlar o que seus filhos estão assistindo e vestindo e oferecer atividades que possam gerar nelas a necessidade de serem criativas. Deveriam estar mais presentes e dedicar uma parte do seu tempo para estar com seus filhos, brincando e promovendo passeios ao ar livre e demonstrando o quanto os amam. Não deveriam deixar "tudo" nas mãos dos educadores. É muito triste ouvir de um responsável que eles não sabem o que fazer com seu próprio filho.

Será que os pais sabem como fazer? E a creche? Tem como ajudar estes pais?

Acredito que, quando os pais são presentes na vida de seus filhos, transmitindo amor, segurança, respondendo com paciência os questionamentos de seus pequenos, conseguem demonstrar o quanto os amam e se importam com seu desenvolvimento. Isto fará com que a criança desenvolva sua autoestima e criatividade.

A creche tem condições e deve ajudar os pais na educação de seus filhos. Podem criar atividades que estimulem a criança a brincar, criar e interagir com outras crianças como maneira de mostrar as diferentes formas de diversão que existe como: brincar de pega-pega, cabra-cega, correr, pular corda. Tudo isso seria uma forma de levar a criança a se desenvolver livremente. Porém, para que se torne uma criança capaz de expressar seus pensamentos e sentimentos, não pode viver sem regras e limites. É importante a participação dos pais na creche.

Para que isto aconteça faz-se necessário criar estratégias, fazer com que se sintam acolhidos. Devemos lembrar que nós somos educadores que estudamos para bem desempenhar nossas funções. Uma delas é informar os pais sobre o que a creche faz, como a criança está se desenvolvendo e também refletir com eles questões gerais sobre a educação. A verdadeira parceria pressupõe troca.

Tenho na sala uma criança que, por ser muito franzina e ter a voz fina, vive rodeado de meninas que o tratam como se fosse bebê. Os meninos, em muitos momentos, querem que se sente em seu colo. Conversamos com o grupo que não temos bebês na sala e que M. já tem 6 anos e deve portar-se como tal. Ele participa pouco de jogos de bola ou atividades que exija o uso da força. Ultimamente, venho observando que está mais próximo de V. que, ao contrário dele, adora futebol. Conversando com ele no banho, perguntei-lhe se gostaria de fazer natação, pois iria ajudá-lo a crescer. Respondeu que não gostava de natação nem de judô. Então, perguntei-lhe do que gostava e respondeu que gostava de dançar. Percebi que M. é uma criança extremamente inteligente, já está alfabetizado, sabe ver as horas e, quando o educador pergunta alguma coisa relativa às atividades, responde corretamente.

Sua mãe demonstra muito orgulho por sua vontade de aprender, mas acredito que o infantiliza quando diz como o seu *bebê* cresceu e é inteligente.

Podemos numa conversa, com uma postura de acolhimento e não de recriminação, levá-la a compreender que esta fala não ajudará no crescimento de seu filho.

4 PAPEL DO EDUCADOR

O educador, quando chega para trabalhar, vem com o seu planejamento e sua rotina já pensada, pois sabe que tem uma tarefa a cumprir e que muitas vezes o tempo é curto. Mas temos que construir a aula juntamente com as crianças. Sabemos que não adianta só gostar de trabalhar com crianças pequenas, temos que estar acompanhando as mudanças que ocorrem nas diversas áreas de desenvolvimento, tanto social, político e científico. Temos que levar em conta também que as crianças de hoje não são como as crianças de alguns anos atrás. Temos que estar em constante evolução, estudando para saber o que trabalhar com cada faixa etária e criar com as crianças uma relação que as ajude a entender as diferentes significações que elas criam sobre si e o mundo, nas brincadeiras e nas outras interações.

Como educadores temos que estar sempre nos perguntando sobre o que fazer, como fazer e o que planejar. Temos que ter consciência de nossos atos e das especificidades de nossas crianças. O registro e a reflexão nos dão condições de prever e identificar as tarefas e o tempo gasto em cada atividade e quais estão sendo mais eficazes para o aprendizado. Registrar é uma maneira de não perder os movimentos da aula.

Nos meus relatos, coloquei que trabalhamos as questões que apareciam no momento, no ato. Mas, após observarmos que estas questões eram recorrentes, passamos a rever o planejamento

Muitas vezes, o educador traz consigo seu planejamento pronto para dar início a sua aula. Surge então algo que sai fora de sua proposta de trabalho, que o leva a ter que mudar tudo para atender o grupo e partir para pesquisas promovendo novas descobertas.

Na creche, uma das auxiliares que lá trabalha, está grávida e ficou com a turma na parte da manhã. Quando cheguei, as crianças me perguntaram se eu sabia que a Fernanda estava grávida. Respondi que sim, e elas disseram que a mesma havia dito que faria um chá de bebê. Perguntaram se eu participaria. Novamente disse sim, e logo veio a pergunta que eu já estava esperando e temendo: Denise, por onde esse bebê vai sair? Olhei para a educadora. Ela então falou para o grupo que iríamos fazer uma pesquisa para descobrirmos como nascem os seres humanos, os animais e as plantas.

Este caso tornou-se para a equipe uma troca de diferentes pensamentos sobre como chegar a tão esperada resposta, sem fantasiar e de modo que pudesse ser compreensível para as crianças. Após pesquisas sobre reprodução e ciclo de vida de animais, vários tipos de leituras e com a ajuda dos responsáveis, eles puderam perceber as diferenças das diferentes aves, mamíferos e animais ao nascer e que a natureza, em determinadas espécies, age de forma natural, como com as plantas e que o bebê de Fernanda nasceria em um hospital e que o médico retiraria o bebê de sua barriga. Percebemos como foi rico poder trabalhar com atividades em que apareciam situações semelhantes através de histórias ou desenhos.

Para nós, educadores e auxiliares que estamos preocupados com nossa prática e em como fazer diante das perguntas da turma, temos que estar atentos ao fato de que não existem receitas prontas. Uma criança é diferente da outra e temos que estar sempre prontos para nos surpreender com o novo; ver a realidade como ela é, sem pré-julgar. Para muitos de nós, assuntos que abordam a sexualidade são ainda muito difíceis, pois fomos criados em ambientes em que a sexualidade era tabu.

Nem todas as crianças tem curiosidades em relação ao seu próprio corpo, mas as tem observando o corpo do amigo, principalmente, ao perceber as diferenças entre os órgãos sexuais e, as vezes até, querendo tocar.

Vejo a roda de conversa como um momento em que as crianças falam sobre o que as afligem, suas dúvidas e curiosidades e, principalmente, a forma como os amigos as tratam. Deixamos claro que, em alguns momentos, temos que por limites em alguns comportamentos e que tocar o amigo em suas partes íntimas não é aceitável. Ouvimos que as mães de algumas crianças não querem que elas brinquem com determinados amigos, então perguntei-lhes como fariam para cumprir o que sua mãe pediu se todos brincam o tempo inteiro juntos.

Apreendi com meu estudo, no curso de formação de professores do Pró Saber, a importância do desenho na construção da linguagem. Uma das principais funções do desenho é a possibilidade de representar a realidade.

Através do desenho, a criança brinca, dramatiza, coloca seus sentimentos e pensamentos. Nós, educadores e auxiliares, temos que deixar que desenhem naturalmente, somente intervindo para oferecer materiais apropriados para a execução de suas produções. Temos que focar nos registros e observações dos

desenhos, pois, em muitos casos, é a representação dos pensamentos e angústias de nossas crianças.

Procurei passar para o educador com quem trabalho o quanto é importante o desenho para o grupo, pois representa a sua primeira escrita. Assim temos oferecido esta atividade diariamente, demonstrando interesse e atenção no que elas estão nos trazendo. Em momento algum, devemos tentar direcioná-los para fazer do nosso modo, e sim deixar que façam do jeito delas. O desenho é o primeiro registro da criança, o que ela sente e pensa passa para o papel, e com isso nos possibilita conhece-la e entende-la.

Outro dia, depois de uma contação de história, sobre Chapeuzinho Vermelho, pedimos para o grupo que fizesse um desenho e desse um final diferente para a história, a partir da ida de Chapeuzinho para a casa da vovó. Nesse momento, percebemos o quanto a turma se envolveu e produziu, pois não só fizeram o desenho, como nos questionaram, porque motivo "Chapeuzinho" havia conversado com o lobo, se os educadores e os pais estão sempre lhes pedindo que não falem com estranhos. Explicamos a eles que a mãe de Chapeuzinho mandou a menina ir direto para a casa da vovó e que a menina não deveria parar para falar com o lobo.

Percebi que com a nossa mediação, as crianças demonstraram um conhecimento do caminho percorrido para contar-nos como entenderam a história e como esta sofreu modificações pelo ato de desenhar.

Estamos sempre elaborando juntamente com eles um mapa de regras e vejo que P., A., e S. melhoraram muito em suas brincadeiras. Já não há tantas reclamações como no primeiro semestre e percebo A. mais amadurecido, participando das atividades e brincadeiras.

Ficou claro para a equipe que nossa mediação com o trio foi proveitosa. Entendemos que o pensamento da criança é diferente do adulto. O fato de termos nos apoiado e trabalhado juntos, tratando as crianças com carinho, mostrando-lhes que algumas respostas não podem ser dadas em alguns momentos, mas de acordo com o desenvolvimento e amadurecimento de cada um.

Trabalhar a sexualidade das crianças não quer dizer que a equipe vá se afastar dos fundamentos pedagógicos que norteiam o planejamento. É sim, uma forma de esclarecer para as crianças que seus questionamentos sobre o que as cerca será, naturalmente, respondido e que os educadores estarão sempre sendo

responsáveis por colocar limites na sala e criar atividades adequadas ao crescimento e fome de saber de nossas crianças.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Meus estudos e os conhecimentos adquiridos em meu curso de formação de professores em educação infantil me levaram a uma prática mais consistente. Adquiri segurança para melhor enfrentar os desafios da profissão, a partir do momento em que me conscientizei que precisava ampliar o meu olhar sobre o comportamento da minha turma. Passei a utilizar os instrumentos metodológicos, criados pela professora Madalena Freire, que me levaram a perceber melhor os movimentos das crianças na construção de seu aprendizado. Os instrumentos metodológicos devem ser vistos como uma ferramenta de trabalho que nos ajuda a perceber o comportamento de uma criança ou do grupo, a interação entre elas e o educador, seus conhecimentos, como se deu a aula e se o planejamento foi cumprido ou se surgiu algum imprevisto.

A escuta sensível e o olhar atento para o desenvolvimento de nossas crianças fazem com que minha prática como auxiliar se consolide e se aperfeiçoe cada vez mais. Nós educadores temos que estar sempre lendo, estudando para termos embasamento para conversarmos e expor nossas opiniões.

REFERÊNCIAS

GENESCÁ, Ana Carpenter; CID, Lucia de Araujo. **Pró-Saber: imaginação e conhecimento**. Rio de Janeiro: Edições Pró-Saber, 2013

FELICIDADE, Denise Madaleno. **Aula do dia 26/02/2015 de Madalena Freire e Claudia Sabino** (nota de aula). Rio de Janeiro: Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2015.

_____. **Aula do dia 26/03/2015 da Profa. Clara Araujo e Profa. Madalena Freire** (nota de aula). Rio de Janeiro: Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2015..

_____. **Aulas do segundo semestre de Madalena Freire** (nota de aula). Rio de Janeiro: Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2015..

_____. **Aula do dia 26/03/2015 da Profa. Clara Araújo** (nota de aula). Rio de Janeiro: Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2015.

_____. **Aulas do segundo semestre da Profa, Clara Araujo** (nota de aula). Rio de Janeiro: Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2015..

_____. PROTÁSIO, Heloisa. **Primeira infância**. Trabalho apresentado a Profa. Heloisa Protásio, no Instituto Superior de Educação Pró-Saber (notas de aula) Rio de Janeiro: Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2015.

_____. **Aula do dia 23/11/2015 da Profa. Heloisa Protásio. Rio de Janeiro: (nota de aula)**Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2015.

FREIRE, Madalena. **Educador: educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

PANTONI, R. V.; PIOTTO, D. C.; VITORIA, T. Questões sobre sexualidade na creche e pré-escola. In: ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; MELLO, Ana Maria; Vitória, Telma; GOSUEN, Adriano &CHAGURI, Ana Cecilia. (Orgs). **Os fazeres na educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2001.

SCHINDHELM, V. G. A sexualidade na educação infantil. In: **Revista Aleph: infâncias**. Ano V. n. 16, Nov. 2011. Disponível em:<<http://www.UFF.br/revistaleph/pdf/art.9.pdf>>. Acesso em: out. 2017.